

## Introdução ao problema dos universais em João de Santo Tomás

Alfredo Venceslau Figueiredo Morán

Mestrando em Filosofia na UFF

Bolsista da CAPES

53

<http://lattes.cnpq.br/1345568271806754>

alfredo\_moran@id.uff.br

O problema dos universais é considerado uma das maiores questões da filosofia medieval e, em certo sentido, da filosofia contemporânea. Sua origem pode ser observada ainda na antiguidade com Heráclito e, no século IV a.C., com Platão, na teoria das ideias no *Timeu*. Posteriormente, com Aristóteles, ao afirmar os universais como objeto de ciência, mas negando a substancialidade deles enquanto separado das coisas (cf. *Metafísica*, VII, 1038b35). Entretanto, é com Porfírio, no século IV d.C., na *Isagogé*, que esse problema é explicitamente formulado.

Disso decorrem duas posições contrárias, os platônicos e os nominalistas. Como resposta dessa contrariedade, temos no século XIII o realismo moderado de Tomás de Aquino. A chave do problema dos universais em Tomás se dá pela contribuição da noção de natureza por Avicena. No capítulo IV do *Ente e a essência*, Tomás afirma dois modos de considerar a natureza ou essência, respectivamente: absoluto, que não admite acidentes, e, dividido em dois, singular e plural, que admite acidentes. Sendo que, desse primeiro modo, atribui-se o fundamento daquilo que será universalizado pelo intelecto, a partir da abstração do que é essencial nas coisas, desconsiderando a singularidade e os acidentes.

Contudo, a solução tomista não foi totalmente aceita, com destaque para a crítica de Guilherme de Ockham e Duns Scotus no século XIV. Nesse contexto, temos no século XVI, João de Santo Tomás, defensor e herdeiro da escola tomista, sobretudo com as contribuições do Cardeal Caetano e, por contraste, de Francisco Suárez. Em seu *Curso Filosófico Tomista*, na questão 3 da segunda parte de sua *Ars Logica*, apresenta as considerações do universal em si mesmo em seis artigos, respectivamente: as noções e definição; do universal materialmente; da unidade formal negativa; da aptidão e

indiferença para ser um em muitos; da universalidade essencialmente relacional e dos graus metafísicos dos termos relacionados.

De modo prático, percebemos que, após uma pesquisa bibliográfica, não há muitos estudos sobre o tema proposto neste trabalho, sobretudo na Segunda Escolástica (cf. Hieder, 2014, p. 18). Por outro lado, de modo teórico, o estudo sobre o problema dos universais em João de Santo Tomás tem a sua importância não só para a História da Filosofia Medieval, mas por ser imprescindível para a metafísica aristotélico-tomista, como também na sua relação com a lógica e a epistemologia. Assim, observamos essa “lacuna” investigativa no nosso conhecimento sobre o assunto, que pretendemos preencher com a execução deste trabalho.

54

**Palavras-chave:** Problema dos universais. Lógica. Metafísica. Tomismo. Segunda Escolástica.

### Bibliografia

AQUINO, T. de. *O ente e a essência*. Tradução de Odilão Moura. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

BEUCHOT, M. El problema de los universales en Juan de Santo Tomás. *Revista de Filosofía*, Zúlia, v. 8, n. 12, p. 33-42, 1989.

HEIDER, D. *Universals in second scholasticism*. A comparative study with focus on the theories of Francisco Suárez S.J. (1548-1617), João Poinset O.P. (1589-1644), and Bartolomeo Mastri da Meldola O.f., Conv. (1602-1673). Bonaventura Belluto O.f.M. Conv. (1600-1676). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.

IOANNIS A SANCTO THOMA. *Cursus Philosophicus Thomisticus*. Secundum exactam, veram, genuinam Aristotelis et Doctoris Angelici mentem. Taurini: Marietti, 1933.